

ÁTILA, REI DOS OSTROGODOS? UM ESTUDO ACERCA DE IDENTIDADES IMAGINÁRIAS NA ANTIGUIDADE TARDIA

ATTILA, KING OF THE OSTROGOTHS? A STUDY ON IMAGINARY IDENTITIES IN LATE ANTIQUITY

Otávio Luiz Vieira PINTO*

Resumo: O presente artigo busca explorar questões historiográficas concernentes ao período da Antiguidade Tardia, localizando a criação e fluidez de identidades como um dos principais focos de análise. Para apreciação analítica e problematização deste panorama, apresentamos um estudo de caso específico: a relação entre ostrogodos e hunos nos séculos V e VI. Argumentando em favor de uma relação tribal muito mais intensa do que se imagina, visamos apresentar problemas retóricos na documentação e propor uma abordagem que forneça novas perspectivas para a historiografia ostrogótica e, ao mesmo tempo, abra espaço para revigorados estudos acerca de identidades na Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média.

Palavras-chave: Ostrogodos – Hunos – Etnicidade – Antiguidade Tardia.

Abstract: The present article aims to explore historiographical questions concerning Late Antiquity, understanding the creation and fluidity of identities as one of the main analytical focuses for the period. To approach such panorama, a case study will be presented: the relation between Ostrogoths and Huns in the fourth and fifth centuries. Arguing in favor of a much closer tribal relationship, rhetorical issues concerning the sources are unfilled and an approach able to trigger new perspectives to Ostrogothic historiography are proposed – at the same time, opening space to renewed studies on identities during Late Antiquity and Early Middle Ages.

Keywords: Ostrogoths – Huns – Ethnicity – Late Antiquity.

Ostrogodos e Hunos: um estudo de caso

Dentre as questões historiográficas que se colocam ao historiador dedicado ao estudo do período conhecido como Antiguidade Tardia, talvez a mais proeminente diga respeito às transformações institucionais, políticas, sociais e culturais ocorridas na *pars occidentalis* do império romano após a deposição do “último imperador”, Rômulo Augústulo¹. A região presenciou a expansão e o assentamento de diferentes grupos germanos e a consequente tentativa retórica de cada um deles de incluir-se enquanto “parte” da máquina política romana². Argumentos e construções teóricas foram usados

* Mestre em História – Doutorando – Programa de Pós-Graduação em História Medieval – School of History – University of Leeds, Woodhouse Lane, LS2 9JT, Leeds, West Yorkshire – Reino Unido. Bolsista CAPES. Membro do NEMEDE – Núcleo de Estudos Mediterrânicos e do N&N – Networks & Neighbours. E-mail: hyolvp@leeds.ac.uk

para justificar a presença e garantir a proeminência política destes grupos, numa complexa elaboração social que, de uma forma ou de outra, aproximava tais germanos e tradicionais romanos social, política e culturalmente. Destarte, definições ideológicas de identidade eram uma ferramenta fundamental no período e, igualmente, constituem-se como um dos principais pontos de investigação moderna. A maneira pela qual os territórios ocidentais transformaram-se num caldeirão de efervescências etno-culturais, alterando, se apropriando e adaptando discursos identitários de pertencimento a um determinado *status quo* configura-se, então, como um dos principais marcos historiográficos para o pesquisador moderno.

Um exemplo de tal perspectiva pode ser nitidamente visto entre os ostrogodos. Este grupo, liderado por Teoderico I, adentrou territórios italianos por volta de 493 d.C., depondo o então regente Odoacro e instaurando um período de governança “bárbara” na península itálica – justamente o coração da tradição romana (MOORHEAD, 1997, p. 39-42). Teoderico assumiu seu trono em Ravena e, numa administração bicéfala – unindo godos e romanos – buscou criar bases retóricas para si e para seus sucessores: de acordo com a propaganda política de Teoderico, ostrogodos seriam responsáveis pela sobrevivência do Império Romano, regentes obedientes à coroa de Constantinopla e defensores da harmonia social e política entre romanos e eles próprios (HALSALL, 2003, p. 26). Em outras palavras, Teoderico buscou a estabilização e legitimação de seu governo por meio da criação de um vínculo com Roma, ao mesmo tempo solidificando seu domínio e garantindo uma autoridade política sobre outros grupos que já habitavam o ocidente latino, como francos, visigodos e, especialmente, burgúndios.³

Ostrogodos, neste caso, podem ser vistos como um microcosmo de uma estrutura argumentativa geral comum aos grupos pós-romanos da Antiguidade Tardia ocidental: criações textuais, ideológicas, culturais e retóricas buscavam embasar o engenho de artifícios identitários que, por sua vez, pudessem sustentar ambições políticas. Uma análise mais apurada dos indícios históricos acerca deste grupo, porém, nos aponta para uma discrepância entre o que entendemos por “realidade histórica” e, conseqüentemente, evidencia como tais construções retóricas eram concebidas e como objetivavam moldar o mundo da Antiguidade Tardia: argumentamos, aqui, que ostrogodos estavam muito mais próximos, política e etnicamente, dos hunos do que supõe a historiografia moderna⁴. Essa aproximação foi responsável pela cunhagem de uma política identitárias que “apagasse” este passado, considerado bárbaro, e criasse um

consciente vínculo com a tradição imperial, de maneira que o reino dos ostrogodos fosse localizado num determinado (e desejado) *status quo* (ARNOLD, 2008, p. 54).

Com esta reavaliação historiográfica, esperamos nos aportar em uma determinada metodologia para melhor compreensão da retórica e das criações de identidade na Antiguidade Tardia: os textos do período devem ser analisados enquanto esforço ciente de modelagem teórica, ainda que embebidos na estrutura ideológica de seu próprio tempo; isto é, com base em argumentação e noções históricas coevas à própria Antiguidade Tardia, a documentação deste momento não representa somente uma evolução tradicional de noções políticas e culturais de identidade, como pretende uma escola mais tradicional de Etnogênese⁵, mas sim faz parte de projetos com certos propósitos, ainda que geralmente bastante plurais. Em outras palavras, nosso objetivo é atentar para a criação consciente de um passado e de uma identidade ostrogótica que se afasta daquela percebida pela realidade histórica moderna enquanto “fato”, mas que obedece a uma lógica e a uma intencionalidade política Tardo Antiga. Com tal abordagem, a retórica presente em textos do período deixa de ser um registro passivo do momento, mas se torna um ente ativo historicamente, cujas agências criativas nos permitirão uma nova e ampla compreensão do significado de “identidade” e “pertença” durante a formação de reinos romano-germanos na Antiguidade Tardia (tendo os ostrogodos, aqui, como o estudo de caso para a percepção prática deste panorama).

Para este exercício, basearemos a argumentação em dois textos, as *Variae* de Cassiodoro e a *Getica* de Jordanes. A escolha destes textos obedece a uma dupla exigência historiográfica: por um lado, ambos escritos são nossa principal fonte para a compreensão não apenas dos ostrogodos, mas da península itálica no século VI, abordando o momento que sucede imediatamente a desestruturação institucional do Império Romano enquanto uma entidade ativa em territórios ocidentais; por outro lado, Cassiodoro e Jordanes nos apresentam textos ricos, de complexa natureza retórica e, no nicho de estudo da Antiguidade Tardia, não há ainda uma interpretação aceita no que concerne aos objetivos e a produção das *Variae* e, especialmente, à natureza e aos propósitos da *Getica*.

Cassiodoro e a criação dos Ostrogodos

Cassiodoro (c.495-c.485 d.C.) foi um oficial civil a serviço da coroa ostrogótica, tendo atuado sob a tutela de Teoderico, Atalarico, Amalásunta, Teodato e Vitige. Na

engrenagem governativa, sua função era a de formular chancelas, cartas diplomáticas, éditos, nomeações e, em geral, a redação de toda sorte de comandos régios. Como parte de sua carreira, foi também responsável pela escrita da história dos godos (a *Chronica* e a *Historia Gothorum*, hoje perdida) e, no auge da guerra levada a cabo por Justiniano, dedicou-se a coletar, revisar e editar uma porção desta documentação oficial – numa coleção hoje conhecida como *Variae* (O'DONNELL, 1979, p. 13-32). Cassiodoro propôs este “epistolário” como um monumento da burocracia romano-gótica, uma maneira de tutelar as gerações futuras na efetividade do serviço administrativo. Apesar desta afirmação de próprio punho – muito possivelmente um *topos* retórico comum aos homens ilustres do período⁶ –, o momento de produção e as complexidades entranhadas em sua obra apontam para um propósito distinto. Como argumenta Bjornlie, é provável que as *Variae* tenham sido configuradas tendo em vista uma audiência oriental, com circulação, portanto, não no ambiente de guerra, mas em Constantinopla, após a tomada de Ravena pelos romanos orientais, quando o rei Vitige e seu *entourage* (incluindo Cassiodoro) foram enviados para Constantinopla (BJORNLIE, 2009, p. 143-171). Se este é caso, Cassiodoro objetivou um escopo retórico mais amplo: as *Variae* seriam não apenas certo esforço propagandístico para demonstrar aspectos positivos do reinado dos ostrogodos e da atuação do autor, mas também um retrato teórico da capacidade e da importância da administração romana – do qual ele próprio fazia parte – sob qualquer circunstância. Ou seja, sob o mando de um rei germano ou de um imperador, a burocracia continuaria a exercer seu papel de manutenção da *res publica*, da grandeza do império. Em outras palavras, Cassiodoro estaria expondo suas habilidades, sua importância, a importância de seus pares e, acima de tudo, a capacidade dos ostrogodos (e da administração ostrogótica) de serem moldados com qualidades imperiais romanas. Tal discurso seria não apenas compatível com a política oficial de “romanização”, levada a cabo por Teoderico, mas também garantiria uma posição segura para Cassiodoro, dado o desenvolvimento da guerra com Justiniano – o autor não seria um inimigo, mas um romano tradicional trabalhando pela manutenção da indispensável estrutura burocrática (BJORNLIE, 2013, p. 199-206).

Com esta organização específica e natureza autoral, como podemos extrair qualquer tipo de relevância em relação ao nosso argumento, isto é, a formação de uma identidade ostrogótica e a dinâmica ideológica criada por meio da relação com os hunos? Tal abordagem depende de uma cuidadosa análise discursiva. Em primeiro lugar, sabemos que Cassiodoro presenteou os ostrogodos com um trabalho que

descrevia a história deste grupo, muito provavelmente escrito com um caráter legitimador, longe do que se consideraria “realidade histórica”. O passado, neste caso, não seria mais do que uma construção retórica criada para assegurar glória e tradição para uma tribo que adentrou os limites da *pars occidentalis* muito mais tarde do que francos, visigodos ou burgúndios – os ostrogodos iniciaram sua presença na península itálica 30 anos após a deposição formal do imperador Rômulo Augústulo; sendo recém-chegados, a única maneira de estabelecer uma conexão com o passado romano seria por meio de uma construção teórica (McCORMICK, 1990, p. 262-283). Assim, podemos argumentar que Cassiodoro estava plenamente ciente de seu papel enquanto “ministro da narrativa histórica” e responsável por garantir uma tradição ostrogótica que se encaixaria no contexto necessário. Dito isso, ainda que a *Historia Gothorum* tenha sido perdida, nós podemos perceber lampejos da consciência histórica e política de Cassiodoro por meio de diversas cartas presente nas *Variae*.

Neste sentido, os hunos (foco de nosso estudo de caso), especificamente, tem uma presença retórica pequena, mas fundamental na narrativa cassodoriana. O autor menciona Átila duas vezes: primeiro, quando constrói a importância de sua própria família; segundo, quando descreve a glória e a beligerância do passado dos visigodos. Em ambos os casos, Átila serve ao discurso de Cassiodoro como um exemplo pristino de alteridade, isto é, como o inimigo retórico quintessencial, emanando legitimidade para aqueles que lutaram contra ele. Isto é especialmente notado quando analisamos a disposição interna destas cartas no esquema maior das *Variae*. A primeira menção aparece na quarta carta do primeiro volume da coleção, inserindo assim a família de Cassiodoro numa posição retórica preeminente para a audiência (a abertura da obra) – de acordo com o texto, o avô de Cassiodoro foi enviado numa embaixada ao acampamento dos hunos e, quando ficou frente a frente com Átila, não tremeu nem baixou seus olhos, numa clara demonstração de virtude e coragem diante de um dos mais famosos antagonistas do Império Romano⁷. A segunda menção se encontra na abertura do terceiro volume, o tomo que apresenta as capacidades diplomáticas do autor em tempos de guerra, tornando-o um dos livros mais importantes das *Variae*. Nesta passagem, Cassiodoro descreve a derrota dos hunos no século V sob a lâmina dos visigodos, assim concedendo uma distinta virtude militar para este grupo – a forja de um passado marcial em oposição a Átila, neste caso, indica uma escolha retórica muito específica, na qual os hunos representam um modelo estabelecido de antagonismo e poder.⁸

No que se refere ao termo “huno”, ele aparece uma vez em Cassiodoro: quando da concessão do patriciado a um certo Tulum (desta vez, a carta é escrita sob a autoridade de Atalarico), o autor afirma que este personagem trinfou sobre os hunos da batalha de Sirmium (504 d.C.)⁹. Novamente, o papel de antagonismo é reforçado, uma vez que a menção da derrota hunica era necessária na menção de elevação a uma das mais altas distinções sociais do período. Esta menção é especialmente interessante porque, em realidade, a batalha de Sirmium foi travada entre ostrogodos e gópidas, e os primeiros foram auxiliados por uma coalizão de hunos liderada por Mundo, enquanto os segundos possuíam uma aliança com tropas orientais compostas de romanos e búlgaros (BURNS, 1991, p. 195). Cassiodoro, portanto, decidiu deliberadamente alterar a disposição de aliados e inimigos nesta passagem de maneira a assegurar seu objetivo e encaixar a batalha em uma determinada (e desejada) narrativa histórica.

Em suma, Cassiodoro deve ser visto como o artífice do passado ostrogótico, como a voz dos reis e o canal para uma ambicionada “romanização” de políticas góticas: em suas próprias palavras, quando descrevendo sua *Historia Gothorum* (na 25ª carta do 9º livro), ele “fez romana a história dos godos”¹⁰. Estas noções concedem à *opera* de Cassiodoro um propósito retórico bastante específico, no qual os hunos assumem um papel forçado de alteridade e antagonismo – forçado porque, mesmo entre a mais tradicional historiografia, os ostrogodos são vistos como um dos últimos grupos a lutar contra a autoridade hunica (e, ainda assim, cooperavam no início do século VI, como visto na batalha de Sirmium) (GREEN, 2007, p. 389). Sendo assim, a persona narrativa de Átila aponta para o consciente intento de separar hunos e ostrogodos, criando, dessa forma, um passado desejado e legitimando a autoridade de Teoderico em relação aos outros grupos germanos, sabidamente parte de assuntos imperiais desde os séculos IV e V, claramente entranhados na narrativa histórica que Cassiodoro tentava estabelecer com suas *Variae* e, como visto, muito possivelmente com sua *Historia Gothorum* (AMORY, 2003, p. 301).

Jordanes: Ficção Histórica, História Ficcional

Dentre as obras que nos foram legadas e que de, alguma forma, lidam com a “história dos godos”, a *Getica* de Jordanes talvez seja uma das mais ilustres. Apesar de sua fama, sua interpretação esbarra em uma série de dificuldades, a começar pelo nosso quase total desconhecimento acerca de seu autor. Detalhes pessoais de Jordanes podem

ser apenas supostos a partir de suas próprias palavras: de possível extração alano-gótica, ele afirma ter sido o notário de um certo líder de origem ostrogótica, Guntinge, na Moésia (CROKE, 1987, p. 117 – 134). Independente de seu pano de fundo ou de suas particularidades, Jordanes reforça a posição discursiva presente em Cassiodoro, como visto anteriormente, o que nos leva ao nosso segundo ponto de análise. Jordanes, em seu prefácio, afirma ter tido acesso a *Historia Gothorum* de Cassiodoro por três dias, de forma que a *Getica* seria uma versão resumida daquele trabalho¹¹. Muito são os elementos que apontam para o fato de que Jordanes estava exagerando tal afirmação, de forma que a *Historia Gothorum* serviria como um argumento retórico para estabelecer uma estrutura de autoridade para seu trabalho (CHRISTENSEN, 2002, p. 114 – 166). Em primeiro lugar, a *Historia Gothorum* foi escrita em doze volumes, e a quantidade de informações seria abundante demais para ser fielmente reproduzido na *Getica* após três dias de leitura. Além do mais, Jordanes escrevia durante um momento específico das guerras de Justiniano (a *Getica* foi provavelmente publicada por volta de 551 ou 552 d.C.), em que as delicadas relações entre godos e romano orientais estariam já bastante abaladas (HEATHER, 1991, p. 47-49). Com este panorama em mente, podemos argumentar que Jordanes escreveu a *Getica* não como uma sumarização de Cassiodoro apenas, mas como um complicado panfleto da fraca e efêmera conquista de Justiniano sobre a Itália: como afirma Goffart, por exemplo, a *Getica* poderia mesmo ser uma narrativa criada para estabelecer e explicar as conexões familiares criadas a partir do casamento de Matasuntha e Germano, parente de Justiniano (GOFFART, 2005, p. 68-83) – assim, por sua própria natureza estilística e retórica, a *Getica* não poderia reproduzir a narrativa e os objetivos precisos da *Historia Gothorum* de maneira direta e simplista.

A despeito de seus propósitos contextuais, a *Getica* foi idealizada como uma versão etnogeográfica da história dos godos e, especialmente no que concerne aos ostrogodos, recheada de estratégias discursivas e objetivos pouco claros (AMORY, 2003, p.293). Este documento, assim, cria um passado bastante distinto, baseado em *topoi* retóricos e aspectos de legitimação e autoridade. Se aceitarmos o argumento de Kulikowski de que a história dos povos “bárbaros” é totalmente dependente da etnografia romana clássica (KULIKOWSKI, 2007, p. 57-60), a *Getica* é o passo adiante, no qual tal história é reensaiada sob a luz do século VI, um momento em que o ocidente romano ganhou uma tipologia política completamente nova com o estabelecimento de certo número de reinos germanos e centros de poder. Portanto,

Jordanes nos concede um complexo testemunho retórico de um passado imaginado, uma história ficcional que compreende, paradoxalmente, a união coeva da verdade histórica aceita e de políticas e estratégias discursivas. Este panorama abre nosso caminho para uma rica análise das agências e das abordagens de identidade na Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média – e a relação entre hunos e ostrogodos pode ser vista sob esta perspectiva.

Em Jordanes, os hunos ocupam um protagonismo narrativo muito mais incisivo do que em Cassiodoro – o que pode ser esperado, dada a natureza “historicizante” da *Getica* (GOFFART, 2005, p. 379-398). O mito de origem dos hunos acaba sendo relacionado ao dos godos: eles, supostamente, seriam a cria entre bruxas góticas exiladas e espíritos do pântano, sendo, portanto, ao mesmo tempo, uma tribo independente e um tipo selvagem e primitivo de godo, em oposição aos visigodos e ostrogodos (cuja majestade e sangue real garantiriam a aquisição de *civilitas* durante sua incursão no império romano)¹². Quando Átila adentra a narrativa, porém, os hunos assumem sua função definitiva na narrativa: guerreiros ferozes liderados pelo homem nascido para “tremar os povos do mundo”, portador da Espada de Marte e figura mais ameaçadora já enfrentada por romanos e “bárbaros”.¹³ Nas entrelinhas dessa perspectiva, podemos notar um subtexto alegórico representando o amalgama de tribos que formaria o dito “Império Huno” e a autoridade de Átila sobre seus súditos. Tal estrutura explicaria tanto a subjugação dos ostrogodos sob a batuta de Átila e a bravura da família dos Amálos quando da dissolução do poder huno herdado pelos filhos de Átila (HEATHER, 1989, p. 110-128).

Ademais, é na *Getica* que podemos notar o claro cenário que criaria uma conexão desejada entre visigodos e ostrogodos. Retoricamente, Jordanes une os dois grupos góticos e os hunos através de um passado mítico e, quando o império de Átila é desmantelado, temos a ascensão definitiva das famílias reais góticas, como se, teoricamente, eles houvessem conquistado o barbarismo por meio de força e virtude – especialmente os Amálos, grupo que estaria diretamente sob influência huno até o final do século V. Assim, a narrativa dos ostrogodos, na *Getica*, cria um vínculo com os visigodos e, ao mesmo tempo, demonstra uma quebra com relação aos hunos, em acordo com a política de Teoderico e, em certa medida, a tradição Cassiodoriana (ao menos no que diz respeito aos trechos huno-ostrogóticos da *Getica*) (PFERSCHY, 1993, p. 253-268).

Em outras palavras, é na complexa obra de Jordanes que uma proposta história dos ostrogodos sobrevive. Na medida em que a historiografia moderna pode analisar, Jordanes é o responsável pela grande narrativa dos godos, por sua heroica luta por terras e poder, por sua relação com romanos e por sua submissão, antagonismo e posterior triunfo sobre os hunos – é neste contexto que Wolfram afirma, por exemplo, que o império de Átila era uma alternativa ideológica ao império dos romanos: os hunos representam a trilha que leva os godos, em Jordanes, do barbarismo à alta distinção civilizada, próximos aos ideais romanos (WOLFRAM, 1997, p. 123-144).

É claro, portanto, que os hunos tiveram um enorme impacto num grande número de tribos, especialmente os ostrogodos. Precisamos ir mais fundo, porém, e entender que tipo de impacto e, ainda mais importante, como a função narrativa dos hunos pode ser compreendida quando se tem, em jogo, discursos Tardo Antigos de poder.

Cassiodoro, Jordanes e a Identidade que nunca foi

Aqui a comparação entre Cassiodoro e Jordanes pode, de fato, servir a um propósito historiográfico. Ainda que o conteúdo exato da *Historia Gothorum* nos seja desconhecido, nós temos, como dito, pequenos indícios nas variadas cartas de Cassiodoro. Nós podemos assumir que seu objetivo era o de “romanizar” a história dos godos, moldando um passado valoroso e criando uma linhagem heroica para os Amálos. Com as pistas presentes nas *Variae*, nós podemos afirmar que a luta entre o Império Romano e os hunos acabou tornando-se, portanto, uma luta entre ostrogodos e hunos. Cassiodoro, dado seu status sócio-político e suas contingências, provavelmente foi compelido a seguir *topoi* retóricos análogos entre romanos e ostrogodos. Assim, a narrativa mítica dos ostrogodos seguiria elementos narrativos imperiais, culminando numa fusão alegórica entre romanos e godos – especialmente os Amálos. Jordanes, mesmo criando um documento independente e diferenciado, mantém a mesma narrativa legitimadora, e se pudermos aproximar os dois autores, veremos que o ponto em comum recai na glorificação da família dos Amálos, em seu antagonismo com hunos e sua aproximação com ideais romanos – fosse num contexto ocidental, com reinados germanos mais antigos, ou num contexto oriental, em que interesses bélicos eram predominantes, seria do interesse destes discursos apresentar o mito de origem da família real dos ostrogodos enquanto um mito digerível por romanos e, especialmente, por aqueles familiares ao estilo e à retórica romana. Neste sentido, tanto Cassiodoro

quanto Jordanes compartilham das mesmas contingências e do mesmo contexto, ainda que apresentem textos de naturezas diferentes (WEIßENSTEINER, 1994, p. 308-325).

É neste sentido que os hunos acabaram sendo a alteridade retórica necessária para enriquecer (ou mesmo criar) esta narrativa político-identitária. Ademais, dadas as necessidades e intencionalidades discursivas presente na gênese destes trabalhos, podemos nos perguntar: seriam os hunos uma estratégia retórica para legitimar a história dos ostrogodos ou seriam eles uma estratégia para criar e definir o próprio conceito de “ostrogodo”? A problemática concernente a esta etiqueta de identidade reside não apenas na natureza complexa dos textos Tardo Antigos, mas também no contraste criado entre tais narrativas e nossa noção de “realidade histórica”, isto é, um conhecimento interpretativo que traduza os acontecimentos do período. Nosso conhecimento acerca dos fatos que cercam a sociedade dita “ostrogótica” é escasso: não conseguimos traçar com propriedade a história deste grupo além do tempo dos irmãos Vidimer, Valamer e Thiudimer (segunda metade do século V), e mesmo então nossa ciência recai na neblina imposta pelas dúvidas acerca da tutela hunica. Por exemplo, não sabemos nada acerca da famosa batalha do Rio Nedao, quando o filho mais velho de Átila, Elaco, foi derrotado e a configuração hunica desmantelada, representando a emancipação merecida (e desejada) dos povos “bárbaros” sob seu mando – poderíamos mesmo dizer que tal batalha é composta de nada além de imaginação retórica e contingência sócio-políticas (cabe notar que Jordanes é talvez o único autor a mencionar tal conflito – que não é corroborado por dados arqueológicos)¹⁴. Já no que diz respeito à Teoderico, o mais proeminente dos ostrogodos, tudo o que sabemos, anteriormente ao seu mando sobre a Península Itálica, é que sua elevação ao posto de líder dos ostrogodos é relacionada ao seu conflito com Teoderico Estrabão, personagem ligado ao *Magister Militum* Aspar e relegado ao esquecimento histórico, provavelmente devido ao intenso esforço propagandístico de seu rival Amálo.¹⁵

Assim é que tanto Cassiodoro quanto Jordanes, cada qual dentro de suas respectivas realidades, nos apresentam um discurso elaborado, criando e modelando a história dos ostrogodos em acordo com suas contingências e, especialmente, com suas noções de passado e sua relação com o presente. Dentro deste panorama, podemos perceber que ambos os autores encarceraram a figura dos hunos dentro de uma noção de antagonismo identitário, possibilitando a inserção da família dos Amálo num contexto político bastante específico. Assim, num nível teórico, traça-se a história dos ostrogodos (e, essencialmente, desta família real) não até a Escandinávia, Germania ou ao povo dos

Greutungos, mas sim ao desmembramento da confederação Huna e ao declínio de Átila e seus efêmeros sucessores.

Conclusões parciais

Em suma, nosso objetivo com este artigo foi o de demonstrar que, por meio de uma análise discursiva de fontes Tardo Antigas que as tome como verdadeiros agentes ativos em seu contexto, isto é, enquanto esforços retóricos conscientes, podemos reinterpretar problemas tradicionais da historiografia e chegar a novas abordagens. Tal enfoque tem a capacidade de alterar nosso ponto de vista acerca de identidades e ideologias identitárias no período: a documentação nos apontaria não para um desenvolvimento gradual e lógico de identidades (que obedeceriam, naturalmente, à certas contingências de poder mas que, sobretudo, seriam externas ao ambiente retórico, responsável apenas por traduzi-las num monumento escrito), mas para uma pura e consciente criação de etiquetas imaginárias, identidades inexistentes e afiliações históricas ficcionais que transpareceriam agências ideológicas comprometidas com objetivos e estratégias específicas. Em outras palavras, a retórica Tardo Antiga não seria uma ferramenta ou um espelho de concepções sociais, culturais ou políticas, mas sim um agente criativo em si – o discurso do período, assim, é a criação, não o ornamento.

Dentro desta argumentação, apresentamos a definição de identidade dos ostrogodos como estudo de caso. Afirmamos que, dado o contraste entre uma concepção tradicional de realidade histórica e uma concepção Tardo Antiga de realidade histórica, o termo “ostrogodo” representa nada mais do que uma etiqueta consciente usada para definir as tribos que, leais aos hunos até o último suspiro de sua unidade política, chocaram-se com os godos da Trácias liderados por Teoderico Estrabão e migraram para a Itália nos últimos anos do século V, identificando a eles próprios como “godos”, muito provavelmente buscando uma conexão próxima com tribos germanas que habitavam o ocidente romano – especialmente os visigodos, tradicionalmente vistos como a oposição “bárbara” aos hunos e federados do Império Romano.

Apropriamo-nos da efervescência retórica tão própria ao momento da Antiguidade Tardia para questionar a existência pura e tradicional da ideia de “ostrogodo”; da mesma maneira, podemos tomar esta perspectiva e aplica-la numa variedade de contextos e grupos do período, de forma a problematizar noções clássicas e buscar novas compreensões para a dinâmica pós-romana, tão complexa e rica em ideologias: mito e realidade possuem limites borrados no estudo e na compreensão da

Antiguidade Tardia, de forma que o simples ato de criar uma identidade é chama criativa o suficiente para fazê-la, naquele contexto, se tornar realidade. Uma identidade imaginária passa a ser um significante social no momento em que é imaginada.

Referências Bibliográficas

Documentação

CASSIODORUS. Cassiodori Senatoris Variae. In: *Auctores Antiquissimi*. MOMMSEN, Theodor (ed.), Monumenta Germaniae Historica, XII. Berlin: Weidmann, 1894.

JORDANIS. *De Origine Actibusque Getarum*. GIUNTA, Francesco & GRILLONE, Antonino (ed.). Roma: Instituto Storico Italiano per il Medio Evo, 1991.

Fontes secundárias

AMORY, Patrick. *People and Identity in Ostrogothic Italy, 489 – 554*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ARNOLD, Jonathan J. *Theoderic, the Goths and the Restoration of Roman Empire*. 2008. Tese não publicada. Doutorado em História – Universidade de Michigan.

BJORNLIE, Michael Shane. *Politics and Tradition Between Rome, Ravenna and Constantinople: A Study of Cassiodorus and the Variae, 527 – 554*. Cambridge Studies in Medieval Life and Thought 4. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

_____. What Have Elephants to Do with Sixth-Century Politics?: A Reappraisal of the “Official” Governmental Dossier of Cassiodorus. *Journal of Late Antiquity*, v.2, p. 143-171, 2009.

BURNS, Thomas. *A History of the Ostrogoths*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

CHRISTENSEN, Arne Soby. *Cassiodorus, Jordanes and the History of the Goths: Studies in a Migration myth*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2002.

CROKE, Brian. Cassiodorus and the *Getica* of Jordanes. *Classical Philology*, v.82, n.119, p. 117–134, 1987.

FRIGHETTO, Renan. *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de Transformações, Séculos II – VIII*. Curitiba: Juruá, 2012.

GOFFART, Walter. *The Narrators of Barbarian History: Jordanes, Gregory of Tours, Bede and Paul the Deacon*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2009.

_____. Jordanes’s *Getica* and the Disputed Authenticity of Gothic Origins from Scandinavia. *Speculum*, v.80, p. 379-398, 2005.

GREEN, Dennis. Linguistic and Literary traces of the Ostrogoths. In: *The Ostrogoths from the Migration Period to the Sixth Century: An Ethnographic Perspective*.

BARNISH, Samuel & MARAZZI, Federico (eds.). Woodbridge: Boydell Press, 2007, p. 387-416.

HALSALL, Guy. *Warfare and Society in the Barbarian West, 450-900*. London: Routledge, 2003.

HEATHER, Peter. *Goths and Romans 332 – 489*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

_____. Cassiodorus and the Rise of the Amals: Genealogy and the Goths under Hun Domination. *Journal of Roman Studies*, v.79, p. 103-128, 1989.

KULIKOWSKI, Michael. *Rome’s Gothic Wars*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007.

MCCORMICK, Michael, *Eternal Victory: Triumphal Rulership in Late Antiquity, Byzantium and the Early Medieval West*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MOORHEAD, John. *Theoderic in Italy*. Oxford: Sandpiper, 1997.

O'DONNELL, James. *Cassiodorus*. London: California University Press, 1979.

PFERSCHY, Bettina. Cassiodor und die Ostgotische Königsurkunde. In: *Teoderico il Grande e i Goti d'Italia*. Atti del XIII Congresso Internazionale di Studi sull'Alto Medioevo. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1993, p. 253-273.

WEIßENSTEINER, Johannes. Cassiodor / Jordanes als Geschichtsschreiber. In: *Historiographie im frühen Mittelalter*. SCHARER, Anton & SCHEIBELREITER, Georg (ed.). Viena: Oldenbourg, 1994, p. 308-325.

WOLFRAM, Herwig. *The Roman Empire and its Germanic People*. Berkeley: University of California Press, 1997.

Notas

¹ Volumes, trabalhos, grupos e coleções cujos temas centrais são as identidades na Antiguidade Tardia e na Primeira Idade Média tem sido abundantes e constantes desde meados dos anos 1970, especialmente em academias anglófonas e germanófonas. Exemplos são os livros editados a partir do projeto *Transformations of the Roman World*, o grupo *Texts and Identities* (que envolve as universidades de Leeds, Cambridge, Utrecht, Sorbonne e Viena) e o grupo *Networks and Neighbours* (que envolve as universidades de Leeds e Federal do Paraná / NEMED).

² Tal discussão pode ser percebida em uma série de obras referenciais no nicho da Antiguidade Tardia. No que diz respeito a análise deste debate na historiografia brasileira, cf. FRIGHETTO, 2012.

³ É fundamental notarmos a delicada diplomacia e as relações de poder que se estabelecem entre os diferentes reinos germanos do ocidente pós-romano. É este (des)equilíbrio de forças que, em grande parte, fornece as contingências para criações ideológicas, retóricas e teóricas. Para um estudo acerca do ecossistema político dos séculos V, VI e VII como um todo, cf. FRIGHETTO, 2012.

⁴ Em geral, o argumento aceito é o de que ostrogodos são um grupo germano que equivale aos greutungos dos séculos III e IV e, durante o reinado de Átila, acabam tornando-se uma das muitas tribos vassalas deste rei – porém, sem maiores consequências políticas ou ideológicas. Cf. AMORY, 2003; BURNS, 1991; GOFFART, 2009; HEATHER, 1991; WOLFRAM, 1997; entre outros.

⁵ Especialmente a dita “Escola de Viena”, baseada nos trabalhos de Reinhard Wenskus, Herwig Wolfram e Walter Pohl.

⁶ “O que aqui eu disse sobre o passado servirá ao futuro, pois me ocupei de explicar não pessoas, mas os ofícios” (“*ita quae dixi de praeteritis conveniunt et futuris, quia non de personis, sed de ipsis locis quae apta videbantur explicui*”) Cass. Var. Praef. 14. Adaptação nossa.

⁷ “Até Átila, o poderoso em armas, ele foi enviado em embaixada com Carpílio, filho de Aécio. Sem medo ele viu o homem que fez o Império se encolher; Com sua honestidade suportou olhares terríveis e ameaças, e não hesitou em argumentar com um homem que, sob loucura, desejava obter o mundo” (“*Ad Attilam igitur armorum potentem cum supra dicti (Aetius) filio Carpilione legationis est officio non irritate destinatus. vidit intrepidus quem timebat imperium; facies illas terribiles et minaces fretus veritate despexit nec dubitavit eius altercationibus obviare, qui furore nescio quo raptatus mundi dominatum videbatur expetere*”). Cass. Var. I, 4, 11. Adaptação nossa.

⁸ “Ainda que a incontável multidão do teu clã te dê confiança, ainda que você se recorde do poder de Átila dobrando-se à força visigótica, o coração de homens ferozes amolece quando de uma longa paz” (“*Quamvis fortitudini vestrae confidentiam tribuat parentum vestrorum innumerabilis multitudo, quamvis Attilam potentem reminiscamini VVisigotharum viribus inclinatum, tamen quia populorum ferocium corda longa pace mollescunt*”) Cass. Var. III, 1, 1. Adaptação nossa.

⁹ “E na flor de sua juventude conduziu forças até Sirmium [...] e triunfou sobre os hunos” (“*Cuius ut coepit aetas adulescere tenerique anni in robustam gentis audaciam condurari, ad expeditionem directus est Sirmensem [...] egit de Hunnis inter alios triumphum [...]*”). Cass. Var. VIII, 10, 4. Adaptação nossa.

¹⁰ “Originem Gothicam historiam fecit esse Romanam”. Cass. Var. IX, 25, 5.

¹¹ “Exorta-me para que eu deixe de lado o pequeno trabalho que tenho em mãos, isto é, a abreviação das crônicas, e em meu próprio estilo condense em um único volume os doze livros da origem e atos dos getas [godos], escrito pelo Senador [Cassiodoro] [...]” (“[...] *laxari vela compellis relictoque opusculo,*

quod intra manus habeo, id est, de adbreuiatione chronicorum, suades, ut nostris verbis duodecem Senatoris volumina de origine actusque Getarum [...] in uno et hoc parvo libello choartem). Jor. *Get.* I, 1. Adaptação nossa.

¹² “[...] encontrou entre seu povo algumas feiticeiras [...] suspeitando delas, as expulsou, obrigando-as a vagar em solidão para longe de seu exército. Lá os espíritos imundos as viram e, em coito, lançaram sobre elas seus abraços e deram origem a um povo ferrosíssimo, que passou a habitar os pântanos [...]. Assim foi criada a estirpe dos hunos [...]” (“[...] *repperit in populo suo quasdam magas mulieres, [...] easque habens suspectas de medio sui proturbat longeque ab exercitu suo fugatas in solitudinem coegit errare. Quas spiritus inmundi per herimum vagantes dum vidissent et eorum complexibus in coitu miscuissent, genus hoc ferocissimum ediderunt, quae fuit primum inter paludes [...]. Tali igitur Hunni stirpe creati [...]*”) Jor. *Get.* XXIV, 121-122. Adaptação nossa.

¹³ “Durante a paz Átila era senhor sobre todos os hunos e sobre quase todas as gentes celtas no mundo, e era famoso entre todos os povos” (“*Qua pace Attila, Hunnorum omnium dominus et paene totius Scythiae gentium solus in mundo regnator, qui erat famosa inter omnes gentes claritate mirabilis*”). Jor. *Get.* XXXIV, 178. Adaptação nossa.

¹⁴ “Assim, contra a ameaça mútua, pegaram em armas e se acometeram em batalha na Panônia, próximo a um rio chamado Nedao. [...] E então imagino ter sido um espetáculo admirável, ver godos lutando com hastes, gépidas ferozes com espadas, Rúgios quebrando lanças em seus próprios ferimentos, os Suábios lutando a pé, os hunos com arcos, os alanos e hérulos formando uma linha de batalha, os primeiros com armaduras pesadas, os últimos com armaduras leves.” (“*In mutuam igitur armantur exitium bellumque committitur in Pannonia iuxta flumen, cui nomen est Nedao. [...] Nam ibi admirandum reor fuisse spectaculum, ubi cernere erat contis pugnantem Gothum, ense furentem Gepida, in vulnere suo Rugum tela frangentem, Suavum pede, Hunnum sagitta praesumere, Alanum gravi, Herulum levi armatura aciem strui*”). Jor. *Get.* L, 260-261. Adaptação nossa.

¹⁵ Esta discussão, além de boa parte dos argumentos aqui apresentados, em especial no que concernem a ambos os Teodericos no século VI, serão mais bem desenvolvidos em minha tese doutoral.

Artigo recebido em 08/10/2013. Aprovado em 26/11/2013.